

A BENÇÃO DA SAMBADEIRA E O RESPEITO QUE A ROUPA TEM: ENTREVISTA COM A MESTRA DO SAMBA DE RODA DONA ZÉLIA DO PRATO¹

DOI: 10.26512/revistacalundu.v7i1.49575

Durante sua passagem pela cidade de São Paulo, em fevereiro de 2023, em meio a uma série de eventos de samba de roda nos estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e em Minas Gerais, tivemos a oportunidade de receber Zélia Maria Paiva Souza, importante mestra sambadeira e representante do samba de roda, mais especificamente o samba chula do quilombo de São Braz², distrito de Santo Amaro da Purificação, Recôncavo da Bahia. Conhecida como Zélia do Prato, dona de uma risada marcante e de suntuosas indumentárias que compõem seu perfil de sambadeira, Dona Zélia, como também é chamada, nos concedeu esta entrevista regada a relatos pessoais, cantigas e trocas afetuosas, na qual as particularidades de suas experiências nos conduzem a paisagens e temporalidades expandidas. Nela, o tema do trajar-se desafia relações entre o samba e a religiosidade manifestadas para além das instituições, nas festas, no cotidiano, na socialização, naquilo que se entende como legado antepassado e que estruturou e estrutura comportamentos coletivos.

Preparada para a ocasião, naquela manhã de domingo, Dona Zélia trajava uma saia rodada de renda vermelha, bata estampada, seu tradicional e característico turbante, colares de contas coloridos e brincos. Ela também se preocupou em escolher um lugar vistoso, já que havíamos decidido ali mesmo, naquela manhã, que a entrevista seria gravada em vídeo. Nesses pequenos detalhes vimos aflorar a ritualística do vestir-se para a construção da imagem da sambadeira, por onde percorrem fluxos de criatividade e códigos compartilhados, cujos sentidos acessam memórias e emoções. E assim começamos...

¹ Texto introdutório e conclusivo à entrevista escrito por Eliany Cristina Ortiz Funari, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, integrante do Grupo de Pesquisa Fayola Odara e colaboradora da comissão organizadora desta edição da Revista Calundu. E-mail: eliany.funari@usp.br.

² Em 2009 a Fundação Cultural Palmares registrou no Livro de Cadastro Geral nº 11 (registro n. 1.125 fl. 141) a certificação da autodefinição de São Braz como comunidade remanescente de quilombo. Portaria Nº 43, de 29 de abril de 2009/Diário Oficial da União.

Eliany: Bom, vamos começar essa entrevista que está sendo concedida para ser publicada na Revista Calundu. A senhora pode se apresentar um pouquinho pra gente?

Zélia do Prato: Sim. Meu nome é Zélia Maria Paiva Souza, filha de Dona Valéria, nascida e criada em São Braz. Tenho setenta e quatro anos.

Eliany: A senhora se apresentou como Zélia Maria Paiva Souza, a senhora é conhecida como Zélia do Prato também, correto?

Zélia do Prato: Então, eu não era reconhecida como Zélia do Prato. O meu nome foi reconhecido como Zélia do Prato foi através de uma viagem que eu fui pra Porto Alegre. Góes e Katharina³ me fez esse convite pra ir pra Porto Alegre e eu não tava boa, eu tava com depressão. Aí eu falei com ela que eu não podia ir pra essa viagem porque eu tava com depressão, aí ela me animou. Eu fiquei tão animada que confiei na palavra dela. Aí eu viajei com ela pra Porto Alegre. Aí eu levei dezessete dias viajando. Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, e meus próprios alunos que eu ensinei a tocar prato, ensinei história, oficina, meus próprios alunos foi que falou comigo “Dona Zélia, de agora em diante a senhora não vai mais ser Dona Zélia, a senhora vai ser Dona Zélia do Prato”.

Figura 1: Dona Zélia do Prato no Núcleo de Artes Afro-Brasileiras, em São Paulo



Fonte: foto da entrevistadora, Juliana Faria

³ Sinésio Souza Góes, conhecido em Santo Amaro, BA, como Mestre Góes, e Katharina Döring, participaram respectivamente das coordenações regional e geral da produção e lançamento da *Cartilha do Samba Chula*. Em 2017, através do projeto “Samba Chula em Trans-Missão”, percorreram as cidades de Porto Alegre, Sorocaba, São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, promovendo o lançamento da Cartilha. Dona Zélia do Prato participou dessas viagens junto com o grupo de mestres sambadores que integrou a equipe do lançamento, realizando oficinas e apresentações musicais nessas cidades. Fizeram parte do Grupo Mestre Aurino, Mestre Cassio Nobre, Mestre Ecinho, Mestre Góes, Mestre Nelito, Mestre Paião e Mestra Zélia.

Eliany: Então a senhora é uma sambadeira?

Zélia do Prato: Eu sou uma sambadeira. Eu era uma sambadeira desde pequeninha. A minha mãe ia pro samba, que naquela época, lá não existia carro. Era uma cidade matuta, é um arraial, São Braz. Então lá era só chão, a casa era de taipa, de sapé, era candeeiro, não existia lâmpada. Então elas formava Reis, reza de Santo Antonio, flor de Obaluaiê, caruru de São Cosme. E aí que tinha a reza, e depois da reza existia o samba. Quando ela ia sambar, ela me levava porque eu era pequena e não tinha com quem me deixar em casa, então ela me levava. Então, curiosa eu ficava aprendendo e olhando. E também pelo sangue também, né, que o sangue corre pela veia. Então eu fiquei sendo uma sambadeira. Só que na época as sambadeira naquele tempo não era reconhecido, ninguém conhecia porque não existia televisão, não existia celular, não existia telefone, nada disso. Então era os próprio sambador que se conhecia um o outro. Então os tempo foi passando e me tornei uma sambadeira. Mas só que eu não sabia que eu era sambadeira, porque naquela ocasião eu não tinha me achado. Eu tava tão escondida, tão escondida que com pouco tempo que eu me achei. E hoje, depois que eu me achei, eu me sinto hoje uma mulher rica, vaidosa. Eu não era vaidosa, eu não tinha roupa, eu não cuidava de mim, eu era muito, muito, muito, muito pobrezinha. Agora que eu me sinto rica, não por dinheiro, de felicidade. Através do ser humano. O povo é que me botou rica, de saúde, de felicidade. Então o que eu tenho pra agradar o povo, o ser humano, agradecer a Deus, e que Deus que tome conta desse povo todo que me bota lá em cima. Foi eles que me tiraram do fundo do poço e hoje eu me chamo Zélia do Prato, através do povo. A voz do povo é a voz de Deus.

Eliany: A senhora costuma falar bastante dessa depressão. O que era esse fundo do poço? Porque que a senhora se sentia assim?

Zélia do Prato: Como eu tô agora, vivendo agora como eu estou vivendo, eu comecei a pensar que naquela época eu vivia no fundo do poço. Porque naquela época eu era humilhada. Fiquei com muito filho, criando meus filho sem ter condição de comprar roupa pra meus filho, viu. O pão de cada dia não faltava, porque eu morava no beira mar, eu era marisqueira, meu marido pescador, e tinha o pão de cada dia todo dia. Lá de junto da minha casa tinha uma senhora que tinha casa de farinha. Eu raspava mandioca, que eu era raspadeira de mandioca também. Então eu raspava mandioca e ela me pagava cinco litro de farinha. A esse cinco litro de farinha eu passava a semana alimentado meus filho, através dos marisco do mar. Mas eu não tinha dinheiro pra comprar roupa

pra meus filho, então eu pedia as pessoa pra me dar roupa. Então é isso que era a humilhação. A gente nas porta pedir e agradecia a Deus daquelas pessoa que me dava. Agradecia a Deus, porque a porta sempre se abria pra mim. Então era isso que eu fico falando, problema de fundo do poço. E depois que a gente começa ver, hoje eu tô bem, feliz, com meus amigo, com minhas amiga. Mas cada qual que sabe de si, né minha filha. Eu não choro não é de tristeza não, viu, eu choro de felicidade quando eu me alembro das coisa que já passou na minha vida. Eu ainda tô passando poucas coisa, mas eu tô levando assim mesmo, não tô dando o braço a torcer. Mas graças a Deus eu sou uma mulher muito, muito feliz. Graças a Deus, graças a Deus. Obrigada meu Pai.

Figura 1: Dona Zélia do Prato no mangue em São Braz



Fonte: foto da entrevistadora, Eliany Cristina Ortiz Funari

Eliany: Vamos falar um pouco dessa felicidade, dessa alegria que vem através do samba. Fala um pouquinho da relação do samba na sua família, tanto dos seus antepassados, como das gerações que vieram depois, seus filhos, seus netos.

Zélia do Prato: A relação com o samba era assim. A minha avó Teodora era parteira, rezadeira e sambadeira, e também ela recebia os Orixá na hora do parto, na hora que ela ia fazer o parto, ela recebia também os Orixá dela. Iansã fazia companhia, ajudava ela no parto. E minha mãe também sambadeira, rezadeira, e foi isso aí que eu aprendi, a rezar, sambar, tudo através da minha avó, da minha mãe. Então também eu sou uma rezadeira, também eu rezo. E tudo o que eu aprendi do samba foi com a minha mãe, Valéria.

Eliany: E seus filhos e suas filhas, seus netos e suas netas?

Zélia do Prato: Meus filho, todos eles, quase todos eles são cristão. Uns são testemunha de Jeová outros já é outra parte, de outra lei, mas meus filho nunca proibiu o meu samba. Sempre eles me dá um conselho. “Minha mãe... olhe”, conselho de filho pra mãe, mas não que eles diga assim “é melhor a senhora sair do samba”. Eles nunca falou essas coisa. Nem eu entro na vida das lei deles e também eles não entra também na minha vida, através do meu samba. Meus filho me dá apoio. Viu... quando às vezes eu viajo, que eu falo com todo mundo “eu vou viajar”, “Tá mainha, tá certo.” Aí manda “Jeová te acompanhe”. Então, eu não tenho o que dizer dos meus filho.

Eliany: A senhora tava contando o outro dia sobre a sua roupa, a roupa do samba. Quem faz as suas roupas? Quem é que escolhe os tecidos, os adornos, tudo isso?

Zélia do Prato: Eu que escolho meus tecido, eu que invento os turbante, eu que compro meus enfeito, e logo no começo eu comecei a dar minha roupa a uma pessoa⁴ pra costurar. Chegou um tempo que ela falou que não ia costurar mais pra mim. Eu fiquei triste porque a costureira boa que tinha lá era ela. “Olha, a partir de hoje em diante eu não vou costurar mais pra você”. Eu disse, “mas porque, eu ando certo com você, porque que você não vai costurar mais pra mim?” “É porque esse samba que você faz e essas roupa que eu faço pra você tem uma energia muito forte, muito forte, então não dá mais pra eu costurar pra você”.

Aí não costurou mais. E foi aí que eu comecei a costurar minhas roupas. Então essas roupas todas que eu uso aqui eu mesma que faço, faço minhas bata, faço minhas saia. Invento pano, emendo pano, faço turbante colorido, faço turbante estampado. O meus modelito é eu mesmo que faço. Além de eu fazer ainda costuro tudo na mão.

Eliany: E a senhora acha que a roupa também tem energia?

Zélia do Prato: Eu acho, eu acho. Sabe porque que eu acho? Porque se eu chegar em algum lugar no samba de roda, qualquer outro lugar, com uma roupa comum, o cabelo preso atrás, ou com um torso diferente, as pessoa me conhece como Zélia, que já sou sambadeira, mas quando eu chego, visto outra roupa, a minha saia rodada, com minhas gomas, com minhas contas, meus turbantes, aí vira o maior respeito. Porque todas as pessoas quando vê eu toda vestida, vem pra mim me abraçar, me dar a bença, me pedir

⁴ Na edição da entrevista optamos por omitir informações que identificam a pessoa em questão.

se eu permito me dar um abraço. Isso aí é o respeito que tem essa roupa, quando eu entro dentro dessa roupa, eu sou muito respeitada. Tá entendendo? Então é isso. Essa roupa que a gente usa, não é à toa, é uma roupa de respeito, dos nossos antepassados, dos nossos escravos, das nossas bisavós, tataravós, avó. Coisa muito de respeito e muito forte.

Eliany: Porque a senhora acha que eles pedem a benção quando veem a senhora vestida assim?

Zélia do Prato: Eles me pedem a bença porque eles acham que eu sou da umbanda. Pra você ver o respeito que tem né. Chega vem... “A bença!” (Zélia faz o gesto). E eu abençoo todos eles, abençoo todos eles. Porque eles vêm me pedir a benção com aquela fé e eu abençoo eles. Abençoo, abraço, aliso, passo a mão na cebeça, carinho todos eles.

Eliany: A senhora falou que a senhora começa a cantar o samba com uma reza. Quando a senhora faz seu show, a senhora começa com uma reza. Da onde vem essa reza?

Zélia do Prato: A reza é... todos nós que temos nossos encontro de evento, tanto faz a umbanda, como a capoeira, como o maculelê, o samba de roda, a reza mesmo, o samba, todos têm o jeito da oração. Cada um ora de um jeito. Um ora um pai nosso, outro ora em canto, todos nós que temos nossa cultura nós ora. E o nosso samba de lá do Recôncavo, antes de começar a gente faz a nossa oração. Que é essa oração (Zélia canta):

Bendito, louvado seja, nosso senhor Jesus Cristo
Nosso senhor Jesus Cristo
Para sempre seja louvada nossa mãe
Maria Santíssima
A nossa mãe
Maria Santíssima
Lá naquela serra
Quem manda é Deus
Lá naquela outra
Quem manda nela sou eu
Eu disse camarada, que eu vinha
Na sua aldeia, camarada um dia. Eu disse!

Eliany: Como que a senhora se sente quando a senhora está cantando essa reza ou cantando o samba? Existe uma diferença, a senhora sente uma diferença?

Zélia do Prato: Eu sinto uma diferença porque a reza na hora da oração a gente tem que rezar com fé, com fé e pedindo a Deus que aquela oração que a gente tá fazendo, que comece bem e terminar bem. Porque a gente não pode chegar, entrar e fazer um show sem primeiro pedir licença. A gente tem que pedir licença, viu, pra Deus estar no meio, pra começar em paz e terminar em paz. Então é isso, as nossas oração é isso, que é pra fazer as coisa tudo certo. Pra começar bem e terminar bem, pra começar na paz todo mundo e terminar na paz, sem briga, sem nada. Então o problema das nossas oração é isso que a gente pede pra os nossos todos que tão ali, que tão tudo ali tudo com uma corrente só, e pedir paz na hora que a gente vai fazer nossa abertura do nosso show. Além de cantar essa “Bendito louvado seja” ainda tem a outra que a gente canta (Zélia canta)

Deus nos salve casa santa
Aonde Deus fez a morada
Onde mora o calisbento
E a hóstia consagrada
Que dor mamãe, que dor mamãe,
Que dor mamãe, minha mãe que dor
Que dor mamãe, que dor mamãe,
Que dor mamãe, minha mãe que dor

Aí pronto, aí depois quando termina, aí começa a jornada do samba, então vamo que vamo sambar!

Eliany: Quem é essa mamãe que a senhora canta “que dor mamãe”. Quando a senhora fala mamãe a senhora pensa em quem?

Zélia do Prato: Mamãe, mamãe é todas as nossas mãe. Porque tem muitos filho que tá em um lugar, que tá chamando mamãe e a mamãe não tá vendo. Existe a prisão, existe as pessoas se perder numa mata, existe as pessoa espancar, existe mau trato, e sempre a gente pede pela mãe, e grita pela mãe. “Que dor mamãe, que dor mamãe” é essas hora da dor que os filho lembra que existe a mãe, você tá entendendo? Então a mãe é uma coisa muito forte, a mãe é coisa muito forte, os filhos pode tá onde tiver, quando chama por mãe, tá longe, mas a gente sente lá dentro. Tá acontecendo alguma coisa com um dos filho meu.

Antigamente, não sei se ainda existe, mas antigamente que a gente tinha os filhos fora, que minha mãe, minha vó, sempre quando ela ia botar o primeiro bolo de pirão que acontecia caía no chão, aí botava a mão na cabeça “Meu Deus! Tem algum filho meu, qualquer um dos meus parente que tá morrendo de fome”. É pra você ver que a energia de mãe é muito forte. E às vezes era verdade. Hoje se falar isso aí na frente de um jovem, vai dizer que é loucura, mas não é loucura. Antigamente era assim, assim que a gente botava o primeiro bolo de pirão na boca, quando caía sem querer, era alguém da nossa família que tava precisando do bolo do pirão. Então a gente sentia logo. Tem alguém com fome... Mãe é mãe. Mãe é pra cem filhos, e um filho não é pra uma mãe. Então essa cantiga que tem “Que dor mamãe, que dor mamãe, que dor mamãe, minha mãe que dor.” é na hora que tá tomando porrada dos barão, os escravo, que tudo é através dos escravo, batia, arrancava o dente, espancava, então gritava, a única coisa que ele tinha pra gritar era a mãe.

Eliany: Falando de parcerias no samba, de quem ajuda quem a sambar, a segurar o samba. A senhora faz parte de um grupo de samba de roda...

Zélia do Prato: Faço parte do grupo Samba Coral de Pescador e Marisqueira de São Francisco do Conde. Eu sou a baiana. Todas as mulheres samba, fica com roupa diferente da minha. Elas todas veste iguais. Tem vez que elas veste de calça, blusa, outras veste sainha, mas sempre eu já é diferente... que é bata, é saia na goma. Então eu visto roupa diferente do grupo do Samba Coral de Pescador e Marisqueira. E o Samba Chula de São Braz.

Eliany: Então a senhora participa de dois grupos de samba?

Zélia do Prato: Dois grupos de samba. Samba de Pescador e Marisqueira de São Francisco do Conde e o Samba Chula de São Braz.

Eliany: Mas a senhora tem participado de shows de uma forma independente, tem viajado sozinha, sem o grupo. Apesar da senhora fazer parte desses dois grupos, a senhora também tem um trabalho solo. É isso mesmo?

Zélia do Prato: É isso mesmo. Então, como eu falei com você que depois que eu tive a depressão, eu fui convidada por Katharina mais Góes. Foi aí que eu comecei a ficar conhecida no mundo todo e as pessoas me fazer o convite pra eu fazer o show. Foi de 2017 pra cá que eu comecei a fazer o show sozinha. Porto Alegre, Santa Catarina,

Minas, São Paulo, Rio de Janeiro. As viagens que eu faço só é eu só e Deus. Foi daí que eu comecei a me libertar (Zélia canta).

Tu não faz como um passarinho
Que fez o ninho e avoou,
Voou, voou, voou, voou
Mas eu fiquei sozinho,
Sem seu carinho, sem seu amor

Então eu estou viajando sozinha como um passarinho (risos), através de Katharina e Góes.

Eliany: Também faz pouco tempo, a senhora organizou o Reis lá em São Braz.

Zélia do Prato: Olhe, quando eu era mocinha, então as mulheres lá de São Braz, minha mãe, Binha e outras mulheres, elas se reuniam para cantar o Reis na casa de uma amiga, só que a amiga dela não ficava sabendo desse Reis. O que acontecia? As mulheres sambadeiras se reuniam com os tocador, arrecadava feijão, o que pudesse arrecadar e já deixava já tudo cozido, tudo feito na hora.

Por exemplo, o Reis vai ser na sua casa e você não tá sabendo de nada. Aí eu combinava, eu com as minhas amigas e arrecadava a comida, carne, feijão essas coisas a gente já preparava, já deixava tudo organizado. Aí quando era lá pra umas tanta da noite... Olhe que naquela época era noite de escuro, não tinha lâmpada, tudo era candeeiro. Só que a gente já sabia o caminho onde era que a gente ia. Aí quando chegava a gente cantava, tarde da noite, o Reis. Aquela multidão de gente no Reis tocando. E depois quando demorava de abrir a porta, a gente cantava, todas elas dizia “Abre a porta também a janela”! Quando cantava, chegava essa música “Abra a porta também a janela” queira que não queira elas tinha que levantar pra abrir a porta. Você abria a porta e todo mundo entrava na roda pra sambar. Então sambava a noite toda (Zélia canta).

São José, Santa Maria
Diz quem vai para Belém
Diz quem vai cantar o Reis
Cantaremos nós também
Diz quem vai cantar o Reis
Cantaremos nós também
Senhora Dona da casa
Venha me ajudar cantar

Eu chupei um caju verde
Pigarro quer me matar
Eu chupei um caju verde
Pigarro quer me matar

Então tinha que levantar e abrir a porta pra ajudar a cantar, e todo mundo ficava tudo alegre e satisfeito sambando. E daí em diante pronto, aí morreu. E tá acabando a cultura de São Braz.

Aí eu organizei, pouca gente foi, mas eu fiz o Reis, e tô querendo continuar, continuar o samba de roda, que a cultura já tá acabando. O artista mesmo que era João do Boi, que era o famoso mesmo, o samba chula de São Braz, ele já foi embora. Então, e aí tem que providenciar pra não acabar o chula. Então tem poucas mulheres sambadeiras de responsabilidade. Porque sambadeira tem muitas, mas tem que ter uma pra tomar atitude e tomar a frente. Então eu tô tentando resgatar a cultura de São Braz. E eu tô com fé que eu vou pegar e não vou largar enquanto eu não ver o Reis, maculelê, ensinar as criança a tocar cavaquinho, a tocar berimbau, a tocar prato, pandeiro. Então é isso o que eu tô querendo, do futuro de São Braz. Então, já comecei pelo Reis.

E tô querendo fazer uma festa junina, agora, São João. Barraca, cada uma vender uma coisa. Uma vender laranja, outra vender amendoim, outra vender um licor.... E eu tô pedindo a Deus que dê tudo certo pra ver se eu pego essa cultura novamente de São Braz, porque dá dó, porque a cultura de São Braz é muito forte, é muito antigo, é do antepassado e a gente não pode deixar morrer. Então eu tô tentando pegar e quando eu for-me embora deixar na mão de alguém pra segurar. E é isso aí.

Eliany: A senhora diz que tá pedindo ajuda de Deus, mas a gente sabe que o samba de roda é reconhecido como patrimônio imaterial do Estado da Bahia, foi reconhecido como patrimônio da Humanidade⁵ e tem instituições aí que são responsáveis por zelar por esses patrimônios. A senhora tem alguma ajuda?

Zélia do Prato: Então, como você tá falando isso aí... que eu também eu não entendo nada dessas coisas. A única coisa que eu entendo minha filha é cantar e sambar. É uma coisa que eu tô querendo pegar a cultura, resgatar a cultura, mas eu fico com uma mão na frente e outra atrás porque eu não sei chegar e procurar. Como você tá me dando aí

⁵ Em 2004, o samba de roda do Recôncavo Baiano foi reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Patrimônio Cultural do Brasil. Em 2005 tornou-se Obra-Prima do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade, assim declarado pela UNESCO.

essa luz agora, eu tenho que procurar uma pessoa, uma pessoa pra ir comigo, me levar onde é, pra eu explicar àquela pessoa o que eu quero.

Eliany: A senhora tem mais alguma coisa gostaria de falar aqui? A senhora sabe que a Revista Calundu, ela aborda as religiões afro-brasileiras. Alguma coisa que a senhora queira falar sobre religião e samba, pra finalizar?

Zélia do Prato: A única coisa que eu tenho pra falar com a Revista Calundu, eu tenho que dizer a ela que é muito gratificante pra mim. Veja aonde é que eu estou chegando agora; fazendo uma entrevista com a Revista Calundu. Isso aí minha filha é tudo pra mim. E com essa revista Calundu que eu estou fazendo, essa daí que vai abrir as minhas portas. Depois dessa Revista Calundu, vai abrir o meu caminho (risos). E que Deus abençoe e que Deus proteja essa Revista Calundu e todas aquelas pessoas que tá envolvida nela, e que Deus proteja e que continue correndo atrás, viu, procurando aquelas pessoas que teje precisando de ajuda e é muito gratificante pra mim. E que Deus abençoe e que Deus proteja vocês. Um beijo carinhoso de Dona Zélia do Prato.

E assim, com a benção de Dona Zélia do Prato a entrevista foi finalizada. E com sua generosa fala final de exaltação à Revista Calundu, saímos com a sensação de que não ganhamos menos do que oferecemos ao convidá-la a fazer parte desta edição da revista. Retribuímos a ela nossos agradecimentos, não só pela riqueza de elementos compartilhados nos relatos, mas também por seu olhar perspicaz que interpreta sua realidade e a de sua comunidade, caminhando conosco nessa empreitada de produção de conhecimento.

Recebido em: 30/04/2023

Aceito em: 15/05/2023